

# O ESTRATO META-ENUNCIATIVO, LUGAR DE INSCRIÇÃO DO SUJEITO EM SEU DIZER: IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E DESCRITIVAS DE UMA ABORDAGEM LITERAL. O EXEMPLO DAS MODALIDADES IRREALIZANTES DO DIZER<sup>1</sup>

Jacqueline Authier-Revuz

## RESUMO

Não existe lugar exterior à linguagem a partir do qual pudéssemos tomá-la, sentido e enunciação, por objeto, mas existe, do interior da linguagem e do dizer, retorno reflexivo do enunciador às suas próprias palavras; há um estrato metalingüístico, no qual se inscreve o movimento reflexivo, aquele estrato do dizer que se volta sobre nossas palavras através de outras palavras mais. Discreto ou invasivo, esse acompanhamento meta-enunciativo merece especial atenção por conta do lugar particular que ocupa na economia enunciativa e pela maneira singular como cada dizer negocia essa distância que lhe é intrínseca: esse “alcance suplementar” da meta-enunciação faz ecoar zonas profundas da enunciação, engrenagens íntimas do modo, próprio a cada um de nós, de “colocarmo-nos” na linguagem e suas não-coincidências. Neste artigo, serão evocadas algumas das propriedades – formais, enunciativas – desses “acontecimentos de enunciação” que constituem, no fio do dizer, as voltas reflexivas; serão expostas as divergências de tratamento dos fatos meta-enunciativos; proceder-se-á a uma abordagem meta-enunciativo debruçando-se de modo mais preciso, sobre uma das tonalidades meta-enunciativas oferecidas pela língua: aquela – de múltiplas nuances – da modalidade irrealizante do dizer, que consiste em um dizer de X que se faz do modo – auto-representado – de não se fazer.

**PALAVRAS-CHAVE:** reflexividade metalingüística, não-coincidências do dizer, modalidades irrealizantes do dizer.

## 1. Não uma metalinguagem, mas um estrato meta-enunciativo

“Não existe metalinguagem”, isto é, não existe lugar exterior à linguagem a partir do qual pudéssemos tomá-la, sentido e enunciação, por objeto... mas existe – e não seria Lacan, meta-enunciador impenitente, que estaria aqui inscrito subliminarmente<sup>2</sup> –, do interior da linguagem e do dizer, retorno reflexivo do enunciador às suas próprias palavras; há um estrato metalingüístico, no qual se inscreve o movimento reflexivo, segundo o qual “nós só podemos retornar deixando-nos levar sempre para frente” (LACAN, 1966, p. 271), portanto, aquele estrato do dizer que se volta sobre nossas palavras através de outras palavras mais<sup>3</sup>.

Discreto ou invasivo, esse acompanhamento meta-enunciativo, no qual um dizer se desdobra, merece especial atenção por conta do lugar particular que ocupa na economia enunciativa – o de uma restauração imaginária do controle sobre o dizer, no próprio lugar de um obstáculo que se abre para as não-coincidências básicas e indomáveis que o atravessam – e, por conseguinte, pela maneira singular como cada dizer negocia essa distância que lhe é intrínseca: na “partitura” de cada dizer – seu léxico, sua sintaxe, seu ritmo,... – esse “alcance suplementar” da meta-enunciação faz ecoar (a despeito dos enunciadores) zonas profundas da enunciação, engrenagens íntimas do modo, próprio a cada um de nós, de “colocarmo-nos” na linguagem e suas não-coincidências.

Será rapidamente<sup>4</sup> que evocarei (1) algumas das propriedades – formais, enunciativas – desses “acontecimentos de enunciação” que constituem, no fio do dizer, as voltas reflexivas que afetam seu desenrolar “normal”, (2) as divergências de tratamento – que têm a ver com a concepção do sujeito e com a sua relação com a linguagem – dos fatos meta-enunciativos, que levam a descrições radicalmente diferentes, (3) uma abordagem do estrato meta-enunciativo em geral, e em cada dizer em particular, que consiste em tomar as formas – as voltas reflexivas – “ao pé da letra”, em escutar *aquilo que eles dizem* (sobre o quê falam? e como?) e em observar onde eles surgem no dizer, isto é, a que palavras eles respondem (4), antes de me debruçar, de modo mais preciso, sobre uma das tonalidades meta-enunciativas oferecidas pela língua: aquela – de múltiplas nuances – da modalidade irrealizante do

dizer, que consiste em um dizer de X que se faz do modo – auto-representado – de não se fazer.

## 2. As voltas reflexivas opacificantes: o dizer ancorado em suas palavras

Com relação ao fato geral da reflexividade metalingüística – o fato de que a linguagem possa e não possa fazer outra coisa senão tomar-se a si própria como objeto – e ao conjunto das formas pelas quais ela passa, incluindo a variedade dos discursos, os do saber e os espontâneos, sobre a linguagem e as línguas, ou a diversidade das formas de “discurso relatado”, no qual o objeto representado pelo dizer é um outro dizer, as “voltas reflexivas”, de que se trata aqui, pertencem à zona específica da *auto-representação do dizer no momento em que este se faz* – a de uma reflexividade circunscrita ao espaço de um dizer. E, neste campo, impõe-se uma outra distinção: eu não penso aqui no vasto conjunto das formas nas quais o dizer, sobre os quais eles retornam, é tomado de modo “transparente” – sem se demorar sobre a materialidade significativa, no corpo das palavras –, no plano de sua estruturação ou das intenções e objetivos comunicacionais dos quais ele é o veículo: “para concluir, eu repito que... ; foi preciso, e eu insisto nisso, muito... ; a conclusão, tenho que repetir, é que ... ; para não omitir nada de vocês, o caso é que...”

Ao contrário, no aspecto que abordamos aqui, é de um retorno sobre o dizer de um fragmento de cadeia – na maioria das vezes uma palavra – de que se trata, visto em sua singularidade significativa, com o “bloqueio de sinonímia”, próprio da autonomia. Isto ocorre nos seguintes enunciados (b) (observados)<sup>5</sup> :

(1a) É um serviço de ordem bem forte que eles têm.

(1b) É um serviço de ordem bem forte que eles têm, se vocês percebem o que quero dizer com isto.

(2a) Ele estava cheio desses mosquetões presos em toda a cintura.

(2b) Ele carregava muito desses, como é mesmo que vocês dizem, / mosquetões presos em toda a cintura.

(3a) É uma razão semiológica que faz com que [...].

(3b) É uma razão semiológica, para empregar um termo elegante, que faz com que [...].

(4a) Quando você vê alguém que faz umas tolices com um tal desplante [...].

(4b) Quando você vê alguém que faz, digamos tolices, não há outra palavra, com um tal desplante [...].

(5a) O muro que deve ser feito é uma pedra.

(5b) O muro que deve ser feito é uma pedra, é o caso de se dizer.

Nesses enunciados, vemos aparecer, em relação ao dizer simples de um elemento X, um modo de dizer, complexo, que se reduplica no dizer do mesmo elemento X pela sua auto-representação, aquele da “modalização autonímica”<sup>6</sup>, que se caracteriza como modalidade reflexiva e opacificante do dizer. O que as voltas vêm interromper, localmente, em um ponto X do desenrolar do dizer, é a ilusão – inerente ao dizer – de transparência dos signos, apagando-se, “consumindo-se” em sua função mediadora de nominação-comunicação: no ponto X, o enunciador cessa, localmente, de “atravessar” as palavras das quais ele faz uso; palavras que “não vão de si” e que paralisam o dizer; em seu desenvolvimento normalmente esquece-se as palavras com as quais ele caminha, o dizer agarra-se aos espinhos de uma, imobiliza-se diante dos reflexos de outra, hesita em passar por uma terceira palavra, e retém-se, por um instante, por mais breve que seja, a levar em conta – aborrecido, cauteloso, surpreso, feliz... – *essas palavras*.

Quaisquer que sejam as formas pelas quais a modalização autonímica se realiza – que, levada por uma única voz, a sucessão do fragmento X e do comentário apareça como próximo de verdadeiros diálogos observáveis, como em X, *sim, é a palavra*, ou X (*puxa ! que palavra*), ou X, *seria melhor dizer Y*, ou que, ao contrário, o desdobramento meta-enunciativo se realize nos modos da simultaneidade na cadeia, como com as aspas (signo escrito ou destaque entonativo), ou ainda passe pela integração do X e do *eu digo X* de sua representação em uma única construção hierarquizante, como em *chamarei X*, por exemplo –, seu movimento enunciativo advém do *auto-dialogismo*<sup>7</sup> (“do locutor com sua própria palavra” diz Bakhtin): receptor de seu próprio dizer, o enunciador responde a alguma coisa que ele “encontra” em um

ponto deste dizer, alguma coisa que “altera” – no sentido pleno de uma alteridade experimentada no UM do dizer “indo de si” – a evidência deste e, por conseguinte, no plano formal, a sua transparência. Ao ponto do dizer vivido como afetado pelo “do outro”, *responde*, no plano do fio sintático, a alteração onde se inscreve o surgimento – em qualquer ponto da cadeia, como indiferente às regras da combinatória<sup>8</sup> – de uma volta meta-enunciativa, suspendendo o curso “normal” do dizer no tempo de seu próprio desenrolar<sup>9</sup>.

Em todos esses pontos de desdobramento opacificante, podemos dizer que “alguma coisa acontece” no desenrolar do dizer: tão discretamente, que eles se infiltram às vezes na cadeia, aparecendo como “acontecimentos de enunciação”.

Nos dois enunciados que se seguem, podemos perceber bem como “parte do outro” chega a um dizer que o acolhe na forma de brincadeira, como um “a mais” oferecido pelo equívoco, (6), ou, ao contrário, na forma cautelosa e insatisfeita (7), como uma falta de adequação das palavras às coisas:

(6) Ah, não, trocar as fraldas de bebês o dia todo, acho isso sacal, ... no sentido literal, aliás, enfim, apropriado [risos], se podemos dizer. [Conversa em um trem, entre duas jovens falando do trabalho de puericultura, out. de 1984]

(7) Essas reuniões, eles as boicotaram; a palavra é talvez um tanto excessiva, como eu diria, digamos que eles reclamaram delas, ao passo que foi para eles mesmos que elas tinham sido realizadas. [Oral, 19-7-84] [um professor evocando as reuniões organizadas para os estudantes]

Se eu retomo aqui, para a volta reflexiva, o termo de “acontecimento de enunciação” pelo qual Fenoglio<sup>10</sup> caracteriza, com muita propriedade, o lapso, não será certamente para misturar os dois fenômenos, mas sim para tentar precisar o que “acontece” com o dizer nesses pontos em que, paralisado pelo “outro” de uma palavra, ele se volta para si mesmo.

Claro, sob o curso unificado de um dizer em seu desenrolar sem interrupção, solidamente “enlaçado” pelo intencional, circula, através do equívoco básico da alíngua, um outro discurso, inconsciente... e só existe dizer UM no imaginário de controle dos sujeitos falantes; mas, este heterogêneo radical da fala age a despeito mesmo daquele que

fala, coberto pelo desenrolar regular e controlado, como um “significante escondido”<sup>11</sup> para um sujeito que “não sabe com o que ele fala [nem a quem] tem a necessidade de [...] revelar os elementos propriamente significantes de seu discurso”<sup>12</sup>.

À superfície unificada do dizer, que mascara a voz escondida do Outro, opõe-se a irrupção, pelo lapso, da voz do inconsciente, impondo-se por efração na cadeia do dizer, da qual – entrada real sobre “Outra Cena” – ela rompe o curso com sua alteridade radical (quer o lapso seja percebido, às vezes, com um efeito de sideração, quer ele não seja percebido pelo enunciador).

Entre o desenrolar unido e controlado de um dizer ao qual – no nível de sua superfície – “nada acontece” e o destaque brutal da ruptura do lapso “que fura” a superfície do dizer<sup>13</sup>, os comentários opacificantes situam-se de maneira complexa, como um lugar paradoxal de ruptura-sutura: no plano sintático, se a colocação dos comentários escapa às restrições normalmente observadas pelas incisivas, por exemplo, tornando semelhantes a emergência desses comentários e as irrupções – agramaticais – de um “outro enunciado”<sup>14</sup>, acontece que essa ruptura sintática combina-se com um elo referencial – a da volta reflexiva – ligando a construção meta-enunciativa heterogênea a um elemento da cadeia de base, e o conjunto oferece uma configuração sintático-semântica caracterizada como “ruptura ligada”<sup>15</sup>; no plano enunciativo, se esses pontos apresentam uma “alteração” do dizer, paralisado por uma dessas palavras, X, por um heterogêneo que se impõe a ele, sobre o qual, e por isso mesmo, ele abre em si próprio a falha de um não-um, o comentário reflexivo opacificante responde a esta falha com a “retomada” meta-enunciativa, desde a posição de dominação imaginária sobre o dizer que é a sua (onde se enuncia um *eu digo X...* vindo redobrar o dizer de X).

Espécie de “costuras aparentes” na superfície do dizer, mostrando a falha pela retomada, designando o outro, a distância, no gesto que reassegura o um por um domínio enunciativo imaginário, essas formas, de uma extraordinária variedade, merecem ter a mesma atenção que os acontecimentos menores – sem o impacto do lapso – nos quais estão implícitas as implicações íntimas do dizer.

### 3. Para abordar a meta-enunciação: o imaginário posto em seu lugar

Escolher escutar o que dizem as formas, em sua discreta e insistente presença no decorrer do dizer, supõe recusar duas reduções na abordagem da enunciação.

3.1. A primeira – amplamente dominante nos dias de hoje – é a que prevalece nas abordagens pragmático-comunicacionais, que coloca – no extremo oposto à do “não existe metalinguagem” – um sujeito fonte intencional do sentido que ele expressa por meio de um instrumento de comunicação. Por esse ponto de vista<sup>16</sup>, o tratamento das formas meta-enunciativas toma tendenciosamente duas direções, tão inadequadas uma quanto outra, a meu ver, para dar conta do que está em jogo na enunciação: a da escória e a da estratégia.

Na primeira, que responde ao caráter muitas vezes incontrolado, escapando à intenção do locutor – e freqüentemente à atenção do interlocutor – do aparecimento de formas breves, fixas, às vezes como um “tic” de linguagem (*se posso dizer assim, digamos, como queira, por assim dizer, como dizemos...*), e passamos facilmente do não intencional ao não-significante: escórias comunicacionais, que podemos negligenciar (do mesmo modo, aliás, que as falhas ou os lapsos...); é no plano fático que reconhecemos a funcionalidade dessas formas, de “ênfatisar” ou de “lubrificar”, funcionalidade (por sinal real) que é acompanhada, nessas abordagens, de uma desmotivação radical; que um dizer tome suas respirações e seus apoios em uma injunção dirigida ao *nós* da interlocução (*digamos*), por exemplo, ou em uma suspensão da realidade do dizer no querer do interlocutor (*como queira*) seria, se nos basearmos nesta abordagem, indiferente.

A outra direção – a das estratégias interativas – inscreve-se na concepção do sujeito “gerente” de uma interação comunicacional, cujo funcionamento, como o de qualquer máquina complicada, está sujeito a apresentar defeitos – falhas, interrupções, bloqueios... –; as formas meta-enunciativas correspondem então – para um sujeito capaz, a partir de seu pensamento e de sua intenção, de ocupar, realmente e não imaginariamente, uma posição de domínio sobre um dizer que não lhe é irrepresentável – aos gestos de regulação funcionais da maquinária comunicacional. A vigilância meta-enunciativa será tributária de uma funcionalidade simples – evitar as ambigüidades, prevenir um conflito com o outro – ou mais complexa, fazendo intervir todo o jogo das imagens em espelho e a gestão das “faces” de cada um, nos “atos” – meta-enunciativos – de precaução, de reserva, de desculpa, de falsa

desculpa agressiva, etc. Se, neste caso, os comentários reflexivos opacificantes escapam ao automatismo desmotivado do fático, sua leitura através do prisma – psicossocial – de uma abundância de estratégias interativas apaga também sua especificidade significante<sup>17</sup> e, com ela, tudo aquilo que essas formas *dizem* e que o sujeito não sabe, e que dizem respeito – a quem da realidade das estratégias intencionais – às implicações mais fundamentais para um “ser de linguagem” da forma singular de se inscrever na linguagem.

3.2. Se, no âmago das abordagens comunicacionais da enunciação, está a concepção de um sujeito controlador de seu dizer que, em proveito do que o sujeito *quer dizer*, fecha o acesso ao que se *diz* naquilo que ele enuncia, e, por conseguinte, à escuta das formas de seu dizer e, especificamente aqui, de seu meta-dizer, o mesmo desinteresse pelas formas concretas da enunciação pôde nascer da posição inversa, ou seja, aquela sobre a qual se fundou, no rastro de Foucault e de Althusser, a análise do discurso de Michel Pêcheux<sup>18</sup>. A ilusão para o sujeito falante de ser a fonte consciente de seu dizer está aqui, ao contrário, no centro da abordagem dos discursos, remetidos aos “processos discursivos”, verdadeiras “causas” do dizer que escapam ao sujeito: neste caso – crítico eficaz do primeiro, quanto à recondução que este opera, no plano teórico, dos desconhecimentos próprios aos sujeitos falantes –, a irrepresentabilidade do dizer para seu enunciador fica claramente afirmada e, por conseguinte, o “domínio” das formas meta-enunciativas provém necessariamente da ilusão de controle de um “existe metalinguagem”. Mas, o aparecimento da dimensão do desconhecimento da enunciação efetua-se no quadro de uma teoria do sujeito, e da enunciação, *como* desconhecimento: o “efeito-sujeito” é uma *redução* do sujeito ao “imaginário” (portanto, em um sentido distinto do imaginário lacaniano). Em certa medida, o sujeito “pleno” é aqui substituído pela “ilusão plena” de um sujeito “vazio”: nesta perspectiva, diante dos processos discursivo-ideológicos que regem, a despeito dos sujeitos, o dizer destes, aqueles que a análise dos discursos visa, as formas concretas da enunciação – e da meta-enunciação – importam pouco, relegadas à butique de acessórios de *trompe-l’œil*, como puras manifestações, sem “espessura” no dizer, da ilusão subjetiva e de seus enganos, que atuam na superfície do dizer.

3.3. Entre esses dois impasses, a tomada em conta de um sujeito estruturalmente dividido, descentrado, cujo eu é uma instância, não

menos estrutural, ocupada em restaurar, no imaginário, a ilusão da unidade e do centro, permite pensar os mecanismos da ilusão como parte integrante da atividade enunciativa (contrariamente à posição comunicacional), sem que esta seja reduzida (contrariamente à primeira posição da análise do discurso).

O imaginário, assegurando para o sujeito a função de desconhecimento ou de malentendido sem a qual ele não poderia “agüentar”, não é

aquele de que nos fala Lacan [...] – lembra P. Clavreul – essa coisa vaga, *esta superestrutura* insólita da qual devemos desconfiar como da pura imaginação, ou à qual devemos opor a solidez do real ou a do simbólico. [...] é, ao contrário, alguma coisa de consistente, a que Lacan deu um estatuto tão sólido quanto ao real e ao simbólico, uma vez que se trata de um dos três fios que se reúnem no nó borromeano [...]. (CLAVREUL, 1987, p. 79)

A essa lembrança da consistência do imaginário<sup>19</sup> e de sua solidariedade com as duas outras instâncias do sujeito, responde a posição expressa por F. Flahaut como espaço para uma abordagem dos fatos lingüísticos :

a tela [...] que nós interpomos entre o funcionamento real da fala e a consciência que temos dela [...] não [deve] ser considerada apenas negativamente, como uma pura ilusão sem espessura que nos vela a realidade : a opacidade é em si mesma uma realidade [...], [...] aquilo que é preciso enxergar de frente; e quanto ao véu (com seus efeitos de ilusão), nós não poderíamos viver sem ele. Trata-se então de levar a sério o superficial, a espuma do cotidiano, a zona de tudo aquilo que vem conjurar o *insuportável aparecimento do real* [...], o espaço onde são produzidas e onde circulam *mediações* cuja textura *mistura o simbólico com o imaginário* [...].(FLAHAUT, 1978, p. 153-154)

Assim, se essas formas de desdobramento meta-enunciativo, que exibem para o enunciador a posição de controle de um dizer que lhe é, de fato, irrepresentável, aparecem como pontos privilegiados do imaginário da enunciação – como reduplicado pela imagem que a enunciação dá de si mesma –, trata-se de “levá-las a sério”: quer dizer, de tomá-las ao pé da letra, fixando-se naquilo que elas, literalmente, *dizem* (que falhas foram encontradas no UM do dizer? em que lugares? que respostas são dadas a essas falhas? em todos esses pontos de ruptura-

sutura), e, para além dessas representações do enunciador – na medida em que elas não são “isoladas” das condições reais e irrepresentáveis para ele de sua enunciação, mas sim que elas aparecem em sua função, tão indispensável quanto não intencional, de máscara, de proteção –, o que se *diz* por intermédio delas sobre sua relação com a linguagem.

#### 4. As formas meta-enunciativas tomadas ao pé da letra

Se tomarmos as formas meta-enunciativas ao pé da letra – sem colocá-las na desmotivação, nem fundi-las, indistintamente, nos atos dos quais elas seriam a expressão – nos surpreenderemos, e ficaremos até maravilhados, com a extrema variedade das “figuras” pelas quais o dizer, representando seu encontro com o “do outro”, localmente, manifesta alguma coisa do outro, irrepresentável, não-coincidência de base onde ele se constitui.

Quatro conjuntos de formas aparecem, conforme o tipo de desvio, de não-coincidência que elas encenam:

- *não-coincidência interlocutiva*, onde figuras de ajuste co-enunciativos constataam ou conjuram o desvio, passando pelo *nós*, entre o *eu* e o *você* – por exemplo,

digamos X ; X, me dê a expressão...; X, como queira ; X, se percebe o que quero dizer; o que você chama de X ; X, para retomar a sua terminologia; X, como você acaba de dizer; X, sei que você não gosta dessa palavra; etc...,

e os exemplos (1b) e (2b), anteriormente –, que aparecem como dando forma – imaginária e controlada – ao irrepresentável do desvio estrutural, irredutível, que, pelo seu inconsciente, sua singularidade, instala na “comunicação” entre dois sujeitos um “mal-entendido” constitutivo;

- *não-coincidência do discurso consigo mesmo*, onde as figuras do empréstimo – por exemplo<sup>20</sup>,

X, tomo esse termo emprestado a... ; X, para retomar a palavra de... ; segundo as palavras de... ; X, como diz... ; X, como o chama... ; o que Ext chama, batista de X; X, para falar de maneira vulgar, pedante, ... ; X, no sentido que lhe atribui Ext ; o Ext diz X ; X (Ext diz Y) ... ; etc...,

e o exemplo (3b), anteriormente –, dão, ao designar no discurso as palavras dos outros, a forma de uma geografia interior (as palavras de si)/exterior assegurando as fronteiras do discurso próprio, o irrepresentável do “não-pertencimento básico da linguagem”, onde cada palavra, recebida “de outro lugar” está saturada de um já-dito, que alimenta e desapropria ao mesmo tempo;

- *não- coincidência entre as palavras e as coisas*, onde figuras da (in)adequação da nomenclatura, confirmando, questionando ou rejeitando, – por exemplo;

o que podemos, o que é preciso chamar X; X, é a palavra; X, é a palavra exata, justa, que convém ; X no sentido *stricto*; X propriamente dito; o que eu chamaria de modo impreciso X; o que poderíamos talvez chamar X; um pode-se dizer X; X, eu uso X na falta de coisa melhor, por comodidade; X, por assim dizer; X, entre aspas; X, embora a palavra não convenha; etc...,

e os exemplos (4b) e (7), anteriormente –, dão a forma de um desvio local, acidental, que aparece no dizer, àquilo que é a sua própria lei, a falta irrepresentável da letra sobre o objeto, e a ausência – ou a perda – inerente à linguagem;

- *não-coincidência das palavras consigo mesmas*, onde figuras do equívoco, rejeitando ou acolhendo a palavra (o sentido) “além” da polissemia, homonímia, ... – por exemplo;

X, no sentido p; X, não no sentido q; X, sem (com) jogo de palavras; X, se ousar dizer assim; eu quase disse X; X, no sentido q também; X, no sentido p e no sentido q; X, em todas as acepções da palavra; X, é o caso de dizer; X, é a palavra; etc...,

e os exemplos (5b) e (6) – dão a forma de um “jogo” local nas palavras do dizer (e muitas vezes de um “jogo de palavras”) àquilo que é a dimensão constitutiva do equívoco, àquilo que, irrepresentável, alíngua inscreve na língua, e em todo enunciado.

Se nenhum dizer escapa às diversas não-coincidências nas quais ele se produz – falta para comunicar e para nomear, excesso de já-dito e de equívoco – as imagens que cada um dá para ele, ao longo do “acompanhamento” meta-enunciativo com o qual ele se reduplica, são espantosamente diversas, dando testemunho de um modo de “se colo-

car” na linguagem e suas não-coincidências, próprio de um gênero, de um tipo de situação ou da singularidade de um sujeito.

A primeira diferença reside naquilo que o dizer encontra em si mesmo, isto é, aquilo que ele deixa “chegar” como outro, aquilo ao qual *ele se abre como não-coincidência*: aos dizeres que avançam numa quase ignorância, quase “ao abrigo” das não-coincidências, respondem a dizeres invadidos<sup>21</sup>, até mesmo ameaçados<sup>22</sup>, pelo retorno sobre si mesmos; para uma igual disposição – quantitativamente – imputada ao não-um, e, à vezes, de modo radical, uma determinada não-coincidência e não uma outra emerge em um dizer: tal dizer, perseguido pelo fracasso da nominação (N. Sarraute ou C. Simon, por exemplo, mas ocorre o mesmo com locutores “comuns”), ou tal outro dizer, obcecado pela não-posseção do já-dito (FLAUBERT, por exemplo), ignoram – ou quase – o jogo do equívoco; para um outro ainda, é a dimensão do desvio interlocutivo que emerge, onipresente e exclusivo, através dos tics *digamos* ou *como queira*<sup>23</sup>.

Importante em termos do lugar que um dizer atribui às não-coincidências – que lugar? para quais não-coincidências? –, a diferença de posicionamento do dizer nas não-coincidências deve-se também ao *tipo de resposta* trazida ao fato de não-coincidência encontrada: de modo esquemático, vê-se bem como, no encontro com o equívoco, opõem-se respostas “defensoras” do sentido desejado contra a chegada de um outro sentido ou de uma outra palavra (*X, no sentido p; X, no sentido p, não no sentido q*) ou, ao contrário, acolhedoras desse « a mais » (*X, no sentido de q também; X, no sentido p e no sentido q; X, nos dois sentidos, em todos os sentidos da palavra ; ...*)<sup>24</sup>; ou como a emergência à superfície do dizer do desvio inerente à nominação recebe aí respostas que reasseguram a adequação (*X, é a palavra exata, justa, que convém, no sentido stricto,...*) ou, ao contrário, aprofundam o desvio (*X, na falta de coisa melhor, a palavra é ruim, não encontro a palavra,...*) entre a palavra e a coisa<sup>25</sup>.

E, mais ainda, com relação a uma mesma não-coincidência, e para um mesmo “tipo” de resposta, o importante é que, *cada forma*, em sua especificidade, merece ser ouvida.

A título de exemplificação, as duas formas provenientes da não-coincidência interlocutiva que são *digamos* e *como queira* podem, ambas, ser interpretadas como anunciadoras de uma “recusa de co-enunciação” de uma maneira de dizer X pelo interlocutor; porém, na descrição de

formas que escapam muitas vezes à consciência dos dois interlocutores, é, entretanto, uma relação com o outro diferente que elas inscrevem no âmago do dizer: de um lado a injunção (de um imperativo) em “dizer com uma única voz”, anexando o *tu* à enunciação conjunta do *nós*; de outro, em oposição a esse pequeno esforço, uma suspensão<sup>26</sup> da realização do dizer ao querer do outro, o dizer de *X*, potencial (*eu digo X se*), somente toma corpo neste querer: imagem de apagamento de si, como pleno enunciador, de um *eu* que se remete ao outro para “levar” seu dizer (o decorrer do dizer parecendo, aliás, tomar o “eu queria” do outro como já adquirido...). Duas formas de “precaução”, sem dúvida, mas cuja distribuição nos dizeres – enunciadores que privilegiam amplamente, ou exclusivamente, uma dessas duas formas; situações de comunicação que favorecem uma em detrimento da outra<sup>27</sup> – permite com que apareça aquilo que sua escuta literal revela: dois modos diferentes de colocar o dizer no desvio da interlocução.

Poderíamos evocar a especificidade, entre as formas que dizem a falha do dizer<sup>28</sup>, da forma *por assim dizer* que expressa a realidade do dizer (contrariamente a *se podemos dizer*), que o aceita (diferentemente das recusas imediatas dos *X*, *não a palavra não me convém*, tão caros, por exemplo, a Nathalie Sarraute), sem emitir julgamento desfavorável (contrariamente a *X*, *para usar um termo muito impreciso/sem dúvida inadequado*). Forma estranhamente mínima do dizer da falha, onde o retorno – quase tautológico – sobre o dizer, não dizendo literalmente nada que não o fato de dizer, diz a falta; *por assim dizer* aparece como a forma própria – em sua lancinante repetição em tics de linguagem que escapam ao controle de certos locutores, ou em escolhas de escritura para Claude Simon, por exemplo – para significar (para além das falhas, pontuais, encontrados em tal nomenclatura) que é dizer, em si, que carrega a falta e a perda, e que o real é propriamente “inominável”:

E por cima, em filigrana, por assim dizer, essa insípida e obsessiva conversação que, para Georges, tinha se transformado, não em alguma coisa de inseparável de sua mãe, embora distinto (como, desprendendo-se dela, um fluxo, um produto que ela tivesse segregado), mas, por assim dizer, sua mãe em si mesma [...]. (p. 49)

[...]a guerra, por assim dizer, exhibe, por assim dizer, pacífica em volta de nós [...]. (p. 296)

[...] em uma incansável repetição, o tempo, por assim dizer, imóvel também, como uma espécie de lama, de lodo, estagnante,

como fechado sob o peso do sufocante toldo de fedor que exala dos milhares e milhares de homens, entregues a sua própria humilhação, excluídos do mundo dos vivos, e, entretanto, ainda não no mundo dos mortos: entre os dois, por assim dizer, [...] (p. 113-114) (CLAUDE SIMON, *La Route des Flandres*)

Do mesmo jeito, *é o caso de dizer* merece que nos detenhamos para pensar sobre o modo específico sobre o qual ele abre o dizer, no ponto X, para o jogo do equívoco. Forma fixa, muito freqüente, sobretudo oralmente e nos escritos que jogam com a espontaneidade do dizer em seu processo, ele se caracteriza diferentemente das outras formas de inscrição de equívoco:

(9) O tempo é o sentido de uma vida (sentido como se diz o sentido de um curso d'água, o sentido de uma frase, o sentido de uma fibra de tecido, o sentido do olfato). [CLAUDEL, *Art poétique*]

(10) A cultura francesa sempre atribuiu, ao que parece, um grande privilégio às «idéias». Para os franceses, é importante o «alguma coisa para dizer», o que designamos correntemente por uma palavra foneticamente ambígua, monetária, comercial e literária : o fundo (ou fundos). [R. BARTHES, *O rumor da língua*, p. 265]

(11) [...] a criação de uma aristocracia intelectual, já que aristocracia social, está, no sentido próprio e no figurado, decapitada. [Oral, apresentação de seminário, nov. de 1983]

(12) Sua liberdade não vem nem de Deus, nem da Razão, mas do jogo (tomemos a palavra em todas as suas acepções) que lhe fornece a ordem simbólica, sem a qual ele nãoalaria e nem seria um homem. [R. BARTHES, *Prefácio* a F. FLAHAUT, 1978.

(13) Você, quando se acha sozinha, se refugia direto nas tarefas de arrumação ! É menos perigoso do que « desarrumar”, nos dois sentidos do termo. [H. MAURE, *La cinquantaine au féminin*, p.207]

A forma fixa *é o caso de dizer* aparece após a ocorrência de X (*vs* (10), (11)); ela não explicita nem os diversos sentidos convocados (*vs* (9), (10), (11)), nem mesmo o caráter do equívoco (*vs* (12), (13)), que se deixa ludicamente descobrir, mas sim felicita, de bom grado, no modo exclamativo, a oportunidade do dizer de X, como aquela, longe de qualquer intencionalidade, do feliz “acaso” que, conforme a etimologia

de *caso*<sup>29</sup>, cai “na hora certa”, como explicita brilhantemente a glosa de Claude Simon :

(14) [...] compreendi que tudo o que ele buscava esperava há algum tempo era ser morto [...] Suponho que ele não teria andado a passo de trote por ouro nenhum desse mundo, que ele não teria batido com as esporas não teria se oferecido para bala de canhão<sup>30</sup> é o caso de dizer há expressões assim que caem como uma luva : acertado o passo, [...]. (C. SIMON, *La route des Flandres*, p. 15)

O que o enunciador acolhe de maneira festiva é o “presente” que a língua lhe oferece com uma palavra, com um sentido imprevisto *a mais*, escondida nas palavras de sua intenção, através da polissemia, da homonímia, do trocadilho, etc., todas as formas do “excesso” da alíngua na língua:

(15) [...] um tecido de evidências ou de babaquices, tudo para arrumar, num estilo pretencioso, e confuso, *é o caso de dizer* ! (Conversa privada, fevereiro de 1985)

(16) De tanto passar seu tempo com isso, você vai se afundar no religioso, isso penetra insidiosamente, *é o caso de dizer* ! (Conversa privada, 08-02-1990, [dirigida a musicólogo ateu, mergulhado profissionalmente na leitura assídua dos Saumos])

(17) Então o chamaremos como pudermos, o gozo vaginal, falamos do pólo posterior da ponta do útero e outras besteiras, *é o caso de dizer* . (J. LACAN, ENCORE, p. 70)

(18) Bom, eu vou embora, trabalhe bastante você aí, e eu vou voltar para os meus pepinos... *é o caso de dizer* [risos], bom isso, não !?. [Conversa telefônica, 15-10-1988 [locutor interrompido em suas preparações culinárias, para atender o telefone, quando estava justamente cortando pepinos para uma salada]

No lapso, o enunciador *produz* uma palavra *no lugar* daquela que ele queria dizer, mesmo que reconheça, eventualmente, pouco depois, a subversão – mas também a recusa categoricamente – como sua, essa voz do outro de si mesmo, a figura *é o caso de dizer* é fundamentalmente uma figura *de escuta* que dá lugar, nas palavras do enunciador,

a um “a mais” que lhe parece apenas receber, como um simples cúmplice, se podemos dizer assim, da língua e de seus acasos, mas ao qual ele se alia num modo jubilatório: modo jubilatório que manifesta o prazer em “receber” do acaso da língua, cercado pelas palavras de sua intenção, as próprias palavras de seu desejo.

É o que acontece, por exemplo, em (15), do enunciador que, tendo “controlado” sua vontade de rudeza verbal para evitar uma grosseria, a reencontra, sob um modo liberatório, na palavra “babaca”, que fala por “si mesma”, e à qual ele pode então aliar-se, sem que para isso carregue a responsabilidade de tê-la escolhido intencionalmente; ou ainda nas “palavras finais” pelas quais, em (18), um enunciador A encerra uma conversa telefônica, de forma amigável, com um interlocutor B deseioso de falar sobre os problemas que encontra, e onde se manifesta o prazer de A em receber “do acaso” as palavras de seu desejo: um “pepino”, com efeito, onde explode a verdade recalçada da conversa, a irritação que ele experimenta e um objetivo de não-receber dirigido ao outro.

Aí, no desenrolar do fio dizer, “alguma coisa se diz sempre a mais, que não tinha sido perguntada – e à qual se havia pedido que não fosse dita” (MILNER, 1983:: p. 40) –, a enunciação avança, surda a essa outra voz que corre em suas palavras. Aí, no lapso, a outra voz, conflituosamente, suplanta a primeira quebrando-lhe a coerência, e deixa facilmente o enunciador “sem voz” diante daquilo que disse. E *é o caso de dizer*, outra figura do “desejo e do acaso”<sup>31</sup>, é festejado, pelo enunciador, como um instante de íntima coincidência pela conciliação pontual, pela graça do jogo de palavras, entre as duas vozes de si mesmo.

*De que* falam as voltas opacificantes quando tomam o dizer de uma palavra por objeto: desvio interlocutivo, não pertencimento das palavras carregadas de já-dito, falha da nominação, excesso de equívoco? *Como* – segundo que tipo, de acolhida ou de recusa da não-coincidência? Segundo que modo específico, próprio de cada forma? – elas respondem a esses pontos de não-coincidência que o dizer reconhece em si? *Onde*, isto é, em que pontos – seus pontos “sensíveis”, frágeis, difíceis, conflitantes, essenciais, carregados de afetos ou desafios, ... – o dizer, abrindo-se ao desvio de uma não-coincidência, pára ao se desdobrar? Nos limites deste artigo, não é possível evocar as geografias singulares meta-enunciativas dos diversos discursos<sup>32</sup>; eu darei apenas um único exemplo do caráter significativo dos lugares de emergência das não-coincidências num discurso. Gravada em forma de

conversa com A. Manier, alguns dias antes de sua morte, a evocação da história pessoal de Françoise Dolto (DOLTO, 1989) distingue-se, ao lado de um grande número de formas que remetem às palavras dos outros (*como dizem, diriam, como se dizia antigamente, como diríamos hoje em dia*, etc.), pela pouca distância entre as palavras e as coisas: a fala, espontânea, direta, firme, até mesmo intrépida aparece pouco marcada por recuos, reservas, hesitações ligadas à inadequação; a localização dessas formas torna-se então mais surpreendente: só os momentos em que trata das relações dolorosas com sua mãe e da “loucura” desta condensam a metade das formas que, nesse texto, marcam esse tipo de desvio, marca discreta, porém insistente, daquilo que permanece como irredutivelmente difícil de dizer:

É preciso acrescentar a isso a relação com a loucura, como dizer?, “menopáusica” de minha mãe (p. 81)

Mas, para voltar à minha mãe, ela me dizia que eu era monstruosa. Mas ela me dizia isso - como dizer? - claro, não com amor, mas com resignação. É isso, com resignação. (p. 217)

Eu não compreendia : [...] Eu digo para mim mesma : «[...] Mamãe precisa de alguém que seja mais forte do que ela, porque não consegue dar conta da energia apaixonada e - como dizer? - purulenta que existe nela, que a faz despedaçar-se a si mesma, vomitando tudo o que ela tem para vomitar, sem que acredite em uma única palavra [...]» (p. 245)

## 5. As modalidades “irrealizantes” do dizer

No imenso repertório das formas de “resposta” convergindo para um ponto de não-coincidência, existem modos de inscrever-se no desvio que aparecem nos diversos campos de não-coincidência<sup>33</sup>. É em fazer surgir uma dessas tonalidades que eu gostaria de me deter: aquela que atravessa, com suas nuances e suas variantes múltiplas, o que eu chamarei de *modalidades irrealizantes do dizer*.

Formas que afetam o dizer com uma falha podem ser imputadas às categorias – psicológicas e retóricas – da hesitação, da reserva, da reticência, que se opõem globalmente às formas de adesão, de confirmação do dizer, que efetuam uma “adição” ao dizer que se enfatiza e se reforça com seu reflexo, como:

(19) X, eu disse bem X ; X, eu insisto em dizer X ; X, é a palavra.

Mas, é importante distinguir duas figuras de “subtração”: certas voltas meta-enunciativas enxertam o dizer de X com um reflexo depreciativo:

(20) X, eu digo mal ; X, embora... ; X, a palavra não é boa ; X, eu não sei se é a palavra.

como, por exemplo :

(21) A partir de Freud, inúmeros psicanalistas tentaram superar a dificuldade dos psicóticos (eu não gosto desse termo por demais generalizante...) em desenvolver uma transferência analisável. (A. de MIJOLLA. *l'Événement du jeudi*, 20.3.85)

(22) Eu gostava dos seus olhos, na verdade, mais que tudo, talvez. Seus olhos dilatados, azuis, brilhantes, duros, terríveis – esses adjetivos são execráveis e não dizem nada – olhos imensos, azuis [...]. (P. QUIGNARD, *Le salon du Württemberg*)

Relativamente ao “que vai de si” do dizer transparente, elas opõem ao “tudo bem”, de (19), um “não está tudo bem”: a figura, em suma, é a de um *eu digo X, mas*, afetando o dizer com um julgamento negativo<sup>34</sup>.

Com a outra figura, a das “modalidades irrealizantes do dizer”, é, paradoxalmente, uma parte da *realidade* do fato do dizer de X que sua duplicação subtrai. O dizer, aqui, se efetua no modo – auto-representado – de não efetuar-se (em níveis diversos): é – bem diferente de um dizer “depreciado” – num embate entre dizer e não dizer<sup>35</sup> que elas inscrevem a enunciação “desrealizada” de X.

No plano das formas, onde as caracterizações do dizer de X como “ruim” se acompanham de uma extensão lexical (cf. (21), (22) e a nota 34), a marcação da “irrealização” do dizer de X passa por um outro caminho: o da vizinhança *gramatical* do verbo *dizer*, representando a enunciação de X. Com exceção das subordinadas em *se* e dos advérbios (*dizer quase, apenas*), são, na verdade, os morfemas próprios da esfera verbal que, de maneira discreta, facilmente despercebida pelo enunciador e pelo receptor, levam a irrealidade do dizer ao cerne de sua representação: modalidade (interrogativa), polaridade (negativa), modo verbal (condicional), auxiliares modais (poder, ser preciso), tempo e aspecto (*eu ia dizer, eu quase disse*).

Assim, encontramos :

a) o dizer, auto-representado como “não completamente dito”,

mas *quase* ou *apenas* :

(24) Erotismo da leitura? Sim, desde que jamais se esconda a perversão e eu diria quase: o medo. (R. BARTHES, *Le grain de la voix*)

(25) Eu fiquei atrelado a uma análise que ousou apenas chamar de lingüística, de tanto que ela era simplista e desajeitada [...]. (Entrevistas de C.LEVI-STRAUSS e D.ERIBON, *De près et de loin*)

b) a imagem (muito freqüente em alguns enunciadores), recuada com relação ao dizer, por causa da simples possibilidade ou potencialidade daquilo que poderia ser dito :

(26) [...] essa deformidade [a obesidade] torna-se uma desculpa, uma bengala da qual é difícil separar-se. [...] A “vida verdadeira”, sem a minha gordura, com seu lote de rejeição e de brigas, de cara limpa, poderíamos dizer, me aterrorizava. [A.E. MOUTE, *Elle*, 23-3-1987, p. 19]

(27) Freud, obscuramente, trata Fliess, como um «sujeito suposto saber» (Lacan) e espera dele um reconhecimento do qual ele não é o primeiro a possuir a palavra. O resultado é que Fliess vai pensar que poderíamos, sem forçar o sentido das palavras – em todo caso, não mais do que Freud fará em *L’homme aux rats*<sup>36</sup> –, chamar «delirante». [O. MANNONI, *Freud*, p. 52]

(28) [...] No que me cabe, o apelo à ciência da literatura, ou à antropologia, ou à semiologia, foi sempre muito ambíguo, muito tortuoso, e eu ousaria quase dizer *falseado* muitas vezes. [R. BARTHES, *Entrevista*, 1971]

(29) [...este livro] vem perturbar uma doce harmonia ao lembrar, não sem uma certa coragem diante daquilo a que estaríamos tentados a chamar de totalitarismo débil do unanimismo, algumas verdades espinhosas. (M.PLON, *Frénésic*, n°8, 1989)

c) a imagem de um dizer cuja efetivação fica atrelada, através das subordinadas em *se*, à realização de uma condição; comportando (*se ousou dizer, se podemos dar-lhe este nome, ...*) ou não (*se quiserem*) termos metalingüísticos, essas subordinadas meta-enunciativas, incidindo sobre o dizer de X, podem ser descritas como subordinadas com uma principal em *eu digo X* implícito<sup>37</sup>. A realidade do dizer de X

fica a partir de então dada como incerta, suspensa, ao querer do outro :

(30) – Não foi na verdade um fracasso, se quiser assim, foi um pouco,..., faltou unidade, me entende, cada peça em separado era boa, mas, parecia, no final, um pouco frágil, se me entende. [Conversa, 8-2-1986.][O *me entende* é um tic freqüente do locutor, acrescido aqui pelo fato de dirigir-se a um alguém mais competente do que ele no assunto abordado].

(31) Pois bem, eu fiz uma espécie de, se me entende, de, de retrato-robô, se me entende, enfim, eu tentei esquematizar ao máximo. [Entrevista Rádio Luxemburgo, 1975]

- à conformidade com as normas (*se podemos dizer, se for permitido*) :

(32) Se você visse como ele fala, se podemos chamar isso de falar, à sua assistente ; era como se fosse um robô. [Conversa, 7-2-1985]

(33) A triglossia corsa, se podemos nos expressar desse modo, com o fantasma do toscano que ainda pesa. [Oral, seminário, jan. 1980]

(34) Teríamos realocado – se podemos dizer – uma família com um bebê em um porão, na falta de um teto. [*Antony Hebdo*, n° 284, 1-5-1987]

e à audácia, indecisa, do enunciador em perturbá-los :

(35) Uma única cena flutua (se ousar escrever assim): a da piscina. [*Télérama*, 20-11-1985, p. 29]

(36) Por volta de janeiro, os grupos [de estudantes] são evacuados, se posso me permitir esta formulação. [Conversa, out. 1987]

Além dessas condições evocadas correntemente, encontra-se a imagem, mais paradoxal, ou perturbadora, de dizeres cuja realização é dada como atrelada a condições que nós chamaríamos de bom grado constitutivas do fato de dizer: que o enunciador atribui um sentido às palavras que ele enuncia

(37) [...] reconhecer o efeito no homem, na captação que o estágio do espelho manifesta [...], de uma insuficiência orgânica de sua realidade natural, se é que podemos atribuir um sentido para o termo natureza. [J. LACAN, *Escritos*, p. 96]

(38) [Althusser] possuía uma extraordinária capacidade para escutar a singularidade de cada um e para suscitá-la. O verdadeiro Althusser, se esta expressão tem sentido, é, antes de mais nada, essa capacidade. [E. BALIBAR, *Escritos para Althusser*, p. 120]

ou, mais radicalmente ainda, que, para dizer, seja preciso que ele passe pelas palavras e sua nomeação do mundo

(39) A primeira força seria a da onda comunicacional, se for necessário atribuir-lhe um nome. [B.N. GRUNIG, *Rapport sur la linguistique*]

(40) Uma coisa que o «feminismo», já que é necessário dar um nome para tudo, trouxe de extraordinariamente precioso para as mulheres. [F. Nespo, *Entrevista com S. Signore, F.Magazine*, agosto de 79]

d) A interrogação total (abrindo para uma resposta que vai do sim ao não) sobre o dizer de X, equivalente, através de suas combinações modais ou temporais (*ousar dizer, poder dizer, ir dizer,...*), até um *será que eu digo X ?*, onde, para além do dizer potencial, ou suspenso a uma condição, é radicalmente que a realidade do dizer de X é questionada<sup>38</sup>.

(42) [...] nos regozijarmos pelo que parece ser, eu ousaria dizer, um sucesso, e lembrarmo-nos o caminho percorrido. [Comunicação em Associação local, junho de 1985]

(43) Existe, podemos dizer, um gozo por parte dele nessa devastação que ele faz da linguagem. (Conversa, outubro de 2001)

(44) Eu me pergunto se o relativismo ao qual pode chegar a história das ciências [...] não seria o reverso, eu ousaria dizer desesperado, desse fantasma da ciência e do saber unificado. [C. NORMAND, *Anais do colóquio : As ciências humana, que história ?/ !*, p. 234]

(45) É um casal onde cada um tem um papel, poderíamos dizer /de prótese para o outro. [oral, fev. de 1996]

e) Ponto extremo desse percurso, o da modalidade propriamente anulatória do dizer, o dizer de X fazendo-se, estritamente, via representação de não fazer-se, um *eu não digo X tendo a função de nomeação por X*. Deve-se notar que, como no caso anterior da interrogação sobre o dizer, o elemento X não aparece em momento algum na cadeia: ele

só aparece em menção (ou autonímia) na representação de seu não-dizer. Essa imagem de um não-dizer passa

(i) pela remissão ao passado de uma tentação de dizer X, já afastada no momento presente, com um *eu ia dizer X* :

(46) [O tornado] passa, arrancando tudo que passa pela frente, eu ia dizer pela mão. [Meteorologia, 24-5-1985]

(47) Falamos de dente de vidro, isso é o futuro de depois de amanhã [...]. Vamos falar, eu ia dizer do futuro de hoje. [Télématin, canal A2, 17-5-1985]

(48) [...] o significante para um lingüista não tem erro. [...] Ele é tão surpreendente quanto a lingüística obstina-se em atribuir-lhe um papel secundário, superficial... eu ia dizer insignificante. [M. LAUNAY, Efeitos de sentido [...], in *Langages*, n° 82, junho de 1986, p. 138]

(49) [...] o melhor seria talvez nos remetermos a Bloomfield e ao seu compatriota e predecessor Peirce, que escreveu, eu ia dizer luminosamente : “O problema do que é a “significação” [...]”. (R. ELUERD, *La pragmatique lingüistique*)

ou (ii) pela representação, no presente do dizer, do recuo do enunciador – *eu não ousou dizer X* – diante desse dizer, ou de uma decisão de evitá-lo – *eu não direi X, eu me recuso a chamar... – :*

(50) Eu faço questão de agradecer a Senhora X... que nos emprestou umas fotos, que acabaram não sendo expostas porque nós tivemos muitas outras, eu não ousaria dizer melhores, mas, enfim, que nós utilizamos. [Oral, 15-6-85]

(51) Reconduzido a Basiléia [...] desde 9 de janeiro de 1889, o corpo de Nietzsche acabará de morrer em Weimar, em 25 de agosto de 1900, ao meio-dia. Não se sabe muita coisa, na verdade, desta longa década daquilo que não se ousa chamar ainda, de sua vida. [R.P. DROIT, in *Le Monde*, 6.1.89, p. 14]

(52) E, depois, existe um outro prazer que não chamarei de vaginal (porque o clitóris ocupa aí uma parte importante), que tem a ver com a mulher, por uma espécie de invasão forçada, em um ponto muito mais interior dela mesma. [M. PERREIN, *Le mâle aimant*, 75, p. 92]

(53) E, depois, há a experiência socialista e aquilo que eu não cha-

marei de seu fracasso, que utilizamos generalizadamente para desmoralizar as pessoas. [Conversa, maio de 1998]

A comparação com as formas, muito comuns, onde a modalidade irrealizante não é senão um elemento em uma nomenclatura complexa que se efetua entre duas palavras, das quais apenas um é representado como não-dito<sup>39</sup>,

(54) A situação mudou, eu quase disse melhorou, com a morte do marido. [Oral, junho de 1983]

(55) E nós três gostávamos do momento, eu ia dizer da cerimônia do jantar. [Entrevista com N. CHATELET, in *Pages et livres*, set. de 89, p. 10]

(56) A segunda lição, eu deveria dizer a segunda força que eu tirei desse contato apaixonante com o Romance. [R. BARTHES, *Conférence*, 1978]

(57) Eu vejo bem o perigo – a tentação, diria eu – dessa atitude tão legítima. [H. de MONTHERLANT, *Service inutile*]

permite aferir melhor o caráter radical e paradoxal dessas nomenclaturas que passam inteiramente pelo dizer de sua não-realização – pela anulação, questionamento, remissão a uma potencialidade.

Aquém das categorias da reserva, da reticência e de todos os efeitos retóricos aos quais essas formas podem se prestar, aquilo que se diz, literalmente, na auto-representação do dizer de X, é a não-efetuação, *hic et nunc*, desse dizer – que poderia se fazer, que se faz *se...*, e sobre o qual a gente se pergunta se ele se faz ou vai fazer, sobre o qual diz-se que ele não se faz –: um modo de dizer sobre o modo de não dizer onde o dizer – como “faltoso” – falha em si mesmo.

Como não escutar – como alguma coisa de íntimo, de forte quanto ao modo de habitar a linguagem – essa ausência escavada no coração do dizer dos enunciadores para os quais a tonalidade de acompanhamento meta-enunciativo é insistente, dominante e até mesmo exclusiva?

Tal é o caso, por exemplo, no texto de Pascal Quignard, *Le Lecteur*, onde os temas caros ao autor da estranheza da língua, da perda e da ausência que se experimenta quando se cai “no tempo de [a]língua” e da resposta que a literatura traz para ela – “compôr” com essa perda e

a ela dedicar-se, “apagar o exílio”, “chamar a voz perdida” –, tomam a forma de uma enquete do narrador que visa elucidar o “desaparecimento” do “leitor” (declinado em “ausência, falta, subtração, recuo, retiro, desfalecimento”, etc.) e que descobre nessa “ausência que a linguagem carrega” o lugar onde se produz essa ausência no mundo e em si mesmo, onde “desapareceu” o leitor. É surpreendente observar aí, no sucesso de uma escritura que tem a forma de seu objeto, que é praticamente às modalidades irrealizantes<sup>40</sup> que ela toma emprestado seu acompanhamento meta-enunciativo. No pólo oposto às queixas e injúrias de Nathalie Sarraute contra as palavras que ela rejeita tão logo são enunciadas, é no modo “menor” de um dizer fugidivo – marcado pela ausência – que essa escritura opera em si mesma a “subtração” meta-enunciativa de seus condicionais, de suas subordinadas em se, de suas negações:

A devoção pelos livros, eu explico, se posso dizer assim, como a espécie segunda de uma metapsicose entre a ausência de uma alma e a ausência de um sentido (p. 13).

Desse modo, ele descobriu o céu, se posso dizer assim, de sua ausência (p. 95)

[...] ele soluçou por aquilo que, então, não é mais simplesmente a alegria. Eu não ousaria dizer: com um soluço que excede a alegria. (p.96)

[...] a espécie de graça que a linguagem [...] nos terá dado definitivamente que é uma segurança sem dúvida suspeita, mas à qual dar continuidade é uma promessa permanente, eu pecaria por excesso dizendo divertimento, pelo menos de angústias alternadas, de questões indefinidamente, quer dizer ao longo da leitura, renovadas e suspensas (p. 21).

Não faz mal. Pois quaisquer que sejam nomes, experiências, esperanças, o que fica em todos esses casos, eu não ousou dizer “adquiridos”, é a ausência da linguagem: perda de qualquer fé somada à mediação da linguagem (p. 40).

## 6. O “alcance” meta-enunciativo da música do dizer

Da negociação pela qual qualquer dizer deve passar, com as não-coincidências básicas da enunciação – abrindo o discurso sobre sua exterioridade interdiscursiva interna, a nomação sobre sua perda com relação à coisa, a cadeia sobre o excesso de sua “significância”, a comunicação sobre a abertura intersubjectiva, nas quais, ao contrário da fixidez do signo, o sentido se faz, mas no qual ele poderia, disperso,

desfazer-se, a camada meta-enunciativa, reassegurando, a partir de seu ilusório domínio reflexivo, o imaginário de UM do dizer nos pontos de afloramento de NÃO-UM – aparece, como “grãos”, asperezas, irregularidades, cicatrizes na pele, enfim, a superfície do dizer como uma manifestação privilegiada.

Se, recusando encerrar as voltas meta-enunciativas no jogo das estratégias interativas, como a recusa do testemunho marcado pelo imaginário, levamos a sério, quer dizer, dissemos, literalmente, *o que eles dizem do dizer*, elas permitem – aparentemente anódinos, acessórios, contingentes, supérfluos, ... – ouvir alguma coisa daquilo que está em jogo de profundo e singular para o sujeito, de sua maneira de habitar a linguagem, de conseguir “manter” uma fala, no jogo de suas não-coincidências. O “alcance” meta-enunciativo não é um ornamento acessório da partitura do dizer: parte integrante, intimamente, da música própria de cada dizer<sup>41</sup>, ele dá um testemunho, em cada dizer, nos pontos em que ele “se entrega às suas palavras”, do modo singular e independente do sujeito falante de “compor” com as heterogeneidades enunciativas e de avançar “como de praxe, capengando”<sup>42</sup>.

## RÉSUMÉ

Il n'y a pas de lieu extérieur au langage d'où l'on pourrait prendre celui-ci - le sens et l'énonciation - pour objet, mais il existe, à l'intérieur du langage, un retour réflexif de l'énonciateur sur ses propres mots; il y a une strate métalangagière dans laquelle s'inscrit le mouvement réflexif, celle du dire qui revient sur ses mots via d'autres mots encore. Discret ou envahissant, cet accompagnement méta-énonciatif mérite qu'on lui prête attention par la place particulière qu'il occupe dans l'économie énonciative et par la façon singulière dont chaque dire négocie cette distance interne à lui-même: cette portée supplémentaire de la méta-énonciation fait résonner des zones profondes de l'énonciation, des ressorts intimes de la façon, propre à chacun, de “se poser” dans le langage et ses non-coïncidences. Dans cet article, j'évoquerai quelques-unes des propriétés - formelles, énonciatives - de ces “événements d'énonciation” que constituent, au fil du dire, les boucles réflexives; les divergences de traitement des faits méta-énonciatifs seront également évoquées; on procédera à une

approche de la strate méta-énonciative, en nous attachant plus particulièrement à l'une des tonalités méta-énonciatives offertes par la langue: celle – aux multiples nuances – de la modalité irréalisante du dire, consistant en un dire de X qui se fait sur le mode – auto-représenté – de ne pas se faire.

MOTS-CLES: réflexivité métalangagière, non-coïncidences du dire, modalités irréalisantes du dire.

## REFERÊNCIAS

- ARRIVE, M.. 1986. Il n'y a pas de métalangage: qu'est-ce à dire ? in : *Linguistique et Psychanalyse*, Méridiens-Klingsieck, pp. 145-166.
- AUTHIER-REVUZ (J.). 1987. Modalité autonymique et pseudo-anaphore déictique, in : *Cahiers de Lexicologie*, 51, 1987-2, pp.19-37.
- \_\_\_\_\_. 1993 Jeux méta-énonciatifs avec le temps, in : *Temps et discours*, Parre (H.) (éd.), P. U. de Louvain (coll. *La Pensée philosophique*), pp. 87-105.
- \_\_\_\_\_. 1994. L'énonciateur glosateur de ses mots: explicitation et interprétation, in: *Langue Française*, n° 103, septembre 1994, *Le lexique: construire l'interprétation*, p. 91-102.
- \_\_\_\_\_. 1995. *Ces mots qui ne vont pas de soi : Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*, Larousse, 2 vol., 839 p.
- \_\_\_\_\_. 1996. Dire du défaut, défaut du dire, les mots du silence, in : *LINX*, «Du dire et du discours», n° especial, p. 25-40.
- \_\_\_\_\_. 2000. Deux mots pour une chose; trajets de non-coïncidence, in: *Répétition, Altération, Reformulation* pp. 37-61, *Annales Littéraires de l'Université de Besançon*, 701, Presses Universitaires Franc-Comtoises.
- \_\_\_\_\_. 2002. Du Dire “en plus” : dédoublement réflexif et ajout sur la chaîne, in : *Figures d'ajout - phrase, texte, écriture* (J. Authier-Revuz, M.C. Lala, eds.), Presses de la Sorbonne Nouvelle, pp. 147-167.
- \_\_\_\_\_. 2003. Le Fait autonome: Langage, Langue, Discours – Quelques repères, in: *Parler des mots – Le fait autonymique en discours* (J. Authier-Revuz, M. Doury, S. Reboul-Touré, eds.), Presses de la Sorbonne Nouvelle, pp. 67-96.
- BENABOU (M.), CORNAZ (L.), DE LIEGE (D.), PELISSIER (Y). 2002. *789 Néologismes de Jacques Lacan*, EPEL.
- CLAVREUL (P.). 1987. *Le désir et la loi*, Denoël. Dolto F., 1989. *Autoportrait d'une psychanalyste*, Editions du Seuil, Paris.
- FENOGLIO (I.). 1999. Le lapsus: paradigme linguistique des événements d'énonciation, *Cliniques méditerranéennes* 62 (Marseille, ed. Erès), pp. 219-238.

- FLAHAUT (F.). 1978. *La parole intermédiaire*, Seuil.
- GARNIER (J.M.). 2003. Faire référence à la parole de l'autre: quelques questions sur l'enchaînement " sur le mot " chez Marivaux, in: *Parler des mots – Le fait autonymique en discours* (J. Authier-Revuz, M. Doury, S. Reboul-Touré, eds.), Presses de la Sorbonne Nouvelle, pp. 217-231.
- JULIA (C.). 2001. *Fixer le sens ? Les gloses spontanées de spécification du sens*, Presses de la Sorbonne Nouvelle.
- LACAN (J.). 1966. *Ecrits*, Seuil.
- LECLAIRE (S.). 1971. *Démasquer le réel - Un essai sur l'objet en psychanalyse*, Seuil, Coll. *Le champ freudien*.
- MANNONI (O.). 1969. *Clefs pour l'imaginaire, ou l'autre scène*, Seuil.
- MILNER (J.C.). 1983. *Les noms indistincts*, Seuil.
- OGILVIE (B.). 1987. *Lacan - La formation du concept de sujet*, coleção «Philosophies».
- PECHEUX (M.). 1990. [Textes de] : *L'inquiétude du discours*, textos escolhidos e apresentados por Denise Maldidier, Editions des Cendres.
- REY-DEBOVE (J.). 1978. *Le métalangage*, Le Robert, (2<sup>e</sup> ed., Armand Colin, 1997).
- ROUDINESCO (E.). 1973. *Un discours au réel - Théorie de l'inconscient et politique de la psychanalyse*, Editions Mame.

<sup>1</sup> Texto publicado in *Marges linguistiques* n° 7, maio de 2004.

<sup>2</sup> É incessantemente que Lacan acompanha a progressão de seu dizer de comentários reflexivos, que comentam esse dizer, dos mais comuns (os que chamamos de *X* ; *o que chamarei de X* ; *X se podemos dizer* ; *X como dizemos, como queira* ; *X é o caso de dizer* ; etc.) às mais complexas ou insólitas... ("aquele que eu chamo, que todo mundo chama, na França, desde que eu empreguei esse termo, o analisando", ou "a língua (e que, lembremos, com esta palavra-monstro, o equívoco) a língua", dizia eu, ou "pôr em evidência a função de des-conhecimento, se posso me expressar assim, e se vocês me permitirem divertir-me um pouco, lembrar que ela des-conhece, diz-se comumente", etc.) Essas citações são extraídas da coletânea dos *789 néologismes de Jacques Lacan* (Benabou & al., 2002): o aparecimento do neologismo, em Lacan, é comentado com frequência, justificado, preparado, até mesmo bastante festejado com um acompanhamento meta-enunciativo ; e os autores optaram, com razão, por deixar figurar, em pé de página, uma espécie de guirlanda meta-enunciativa contínua ao longo das 174 páginas do glossário "o que eu chamei... que nós chamaremos ... por uma espécie de neologismo que apresenta tão bem uma ambigüidade, pode ser chamado o ...", etc. A intensa atividade

meta-enunciativa lacaniana não se limita, entretanto, ao fenômeno neológico : é em todos os campos daquilo que eu chamo de as “não-coincidências do dizer” que a palavra lacaniana apresenta em profusão essas formas de retorno reflexivo sobre suas palavras. (cf. Authier-Revuz, 1995).

<sup>3</sup> Na verdade, outras unidades de língua: palavras ou morfemas supra-segmentais tipográficos ou entonativos, como as aspas ou o itálico.

<sup>4</sup> A obra *Ces mots qui ne vont pas de soi – boucles réflexives et non coïncidences du* (Authier-Revuz, 1995) é inteiramente consagrada a este campo meta-enunciativo.

<sup>5</sup> O signo/nota, em um enunciado oral, a marcação entonativa (engolir, ...) sobre o termo que segue, comparável às aspas, na escrita.

<sup>6</sup> Para uma análise formal precisa da filiação e da diferença entre esta noção e a de conotação autônoma que devemos a J. Rey-Debove (1978), e da variedade das formas lingüísticas nas quais esta figuração enunciativa de “desdobramento” se realiza durante o desenrolar do dizer, ver Authier-Revuz, 1995: p. 25-40 ou Authier-Revuz, 2003.

<sup>7</sup> Cf. Authier-Revuz, 1995: pp. 148-160.

<sup>8</sup> Tais como o aparecimento de seqüências diversas no interior do grupo sintático coeso, formado por um determinante e um substantivo, como em (2b) e (4b), por exemplo.

<sup>9</sup> Ainda um aspecto importante da inscrição do sujeito em seu dizer através da modalização autonímica refere-se à incidência desse modo desdobrado do dizer no ritmo do dizer, “parado” o tempo dos comentários meta-enunciativos, que podem manifestar uma maneira de colocar-se no “tempo do dizer” e, através dele, sem dúvida, no tempo em sentido *strito*. (cf. mais elementos sobre esse ponto *in* Authier-Revuz, 1993).

<sup>10</sup> Fenoglio, 1999, por exemplo.

<sup>11</sup> O. Mannoni, 1969: p. 39.

<sup>12</sup> J. Lacan, Séminaire 19/11/68, citado *in* Mannoni, 1969: p. 31.

<sup>13</sup> Como também a de outros acontecimentos de enunciação que são as falhas ou quebras infringidas ao dizer pela falta de palavras, o silêncio de um impossível de ser dito, deixando no vazio o curso iniciado de um dizer.

<sup>14</sup> Como, por exemplo:(8) Acabei conseguindo o, ui !, me piquei, jardineiro de Truffaut [...] (oral, 14-2-1986)

<sup>15</sup> Ver Authier-Revuz,1995: p. 143-148, e Authier-Revuz, 1987.

<sup>16</sup> E de maneira bem geral nas concepções cognitivas da relação do sujeito com a linguagem. Para análises mais detalhadas e referências bibliográficas, remeter-se a Authier-Revuz,1995: p. 67-72 e p. 187-190.

<sup>17</sup> Formas tão diferentes (nos planos lexical, sintático, enunciativo) quanto

*digamos, como queira, se posso dizer assim, por assim dizer, como se diz* podem assim ser consideradas como simples variantes de um mesmo ato de “precaução”.

<sup>18</sup> Sobre essa abordagem e as modificações importantes que conheceu posteriormente (“Análise de discurso: três épocas”), ver Pêcheux, 1990, volume reunido por Denise Maldidier e, especificamente, sobre a questão da enunciação (Authier-Revuz, 1995 : p. 84-94).

<sup>19</sup> Dentre os quais B. Ogilvie (1987: p. 31), que revela a constância no pensamento lacaniano, ao notar que, desde os primeiros textos, “as ilusões não têm menos consistência ou menos interesse que as verdades”.

<sup>20</sup> Em que *ext* remete aqui a qualquer “exterior” discursivo no discurso em seu processo : aquilo que *Pierre, crianças, a gíria, os ingleses... chamam ...*

<sup>21</sup> Tal como os escritos de Barthes ou de Lacan, abertos amplamente para todas as não-coincidências, e onde os escritos teóricos de Levi-Strauss, Dumézil e Althusser não se abrem, e de maneira bem comedida, senão em alguns poucos casos. Ver Authier-Revuz, 1995 : pp. 694-696 e pp.783-789, por exemplo.

<sup>22</sup> É, por exemplo, o texto “louco” – segundo Barthes – que constitui *Bouvard et Pécuchet*, texto que se aproxima da vertigem do “inteiramente copiado”, ou seja, voltado completamente para a exterioridade do já-dito, na renúncia – vertiginosa para o sujeito – do imaginário protetor de uma fala própria, cf. Authier-Revuz, 1995: pp. 496-505, “Flaubert : ascèse du répété et bascule vers l’hétérogénéité constitutive”.

<sup>23</sup> Marivaux dá um exemplo de um diálogo que avança incessantemente duplicado pelo comentário meta-enunciativo, desde o empréstimo até as palavras do interlocutor, cf. Granier, 2003

<sup>24</sup> Cf. Authier-Revuz, 1994, e Julia, 2001.

<sup>25</sup> Cf. Authier-Revuz, 1996.

<sup>26</sup> Cf., mais adiante, as “modalidades irrealizantes do dizer”, parte 5.

<sup>27</sup> Para exemplos, ver Authier-Revuz, 1995 : pp. 181-198

<sup>28</sup> Ver Authier-Revuz, 1996 ou Authier-Revuz, 1995: pp. 650-655 e pp. 703-707.

<sup>29</sup> De *casus*, participio substantivado de *cadere*, cair, significando “fato de cair”, “o que acontece”, “acaso”.

<sup>30</sup> N. de T. A expressão “arriver comme un boulet de canon”, no original em francês, significa “chegar na hora certa”; como não há expressão similar em português com o sintagma “bala de canhão”, a pertinência do comentário se perde pela não correspondência de sentido nas duas línguas.

<sup>31</sup> Roudinesco, 1973: p. 112, a respeito do lapso.

<sup>32</sup> Cf. Authier-Revuz, 1995 : pp. 459-461, 679, 780, por exemplo.

<sup>33</sup> Cf. anteriormente nos campos do desvio da nomenclatura e do equívoco : o reassuramento do UM (*X, é a palavra que convém ; X, no sentido p*), ou, ao

contrário, o jogo do NÃO-UM (*X, a palavra não convém ; X, em todos os sentidos da palavra*). Ou, em um nível ainda mais geral, o modo de desdobramento que se realiza pela *sucessão* na cadeia de um elemento e de uma volta meta-enunciativa, em oposição àquela no qual uma nominação efetua-se pelo desvio de um sintagma metalingüístico de apelação (por exemplo : *X, como de diz* vs o que chamam de *X*) : perpassando todos os campos de não-coincidência, essa oposição tem a ver com pontos cruciais da auto-representação do dizer; encontro com o outro inscrito como acontecimento no curso de um dizer em processo, em dois tempos, via ruptura sintática do “enxerto” meta-enunciativo, para o primeiro, aonde, na sintaxe ligada e hierarquizante do segundo, é um desvio já “saturado” num ante-dizer que é apresentado (cf. Authier-Revuz, 2002); relação completamente diferente com a nominação : o dizer de *X*, que aparece em “uso”, é colocado à distância pelo comentário de sua representação no primeiro, aonde, no segundo, a nominação efetua-se pelo distanciamento da representação: neste caso, em momento algum, na cadeia, o enunciador usa *X*, ele faz apenas uma menção a ele, em uma enunciação não somente duplicada pelo seu reflexo, mas também mediatizada por este.

<sup>34</sup> Figura central da escritura “hesitante”, dirigida a um real “informe” fugidío, de Nathalie Sarraute, onde os comentários sobre as palavras *X* “grandes”, “vagos”, “impotentes”, “indigentes”, “brutais”, etc. funcionam como relances em uma nova tentativa de nominação... (cf. Authier-Revuz ,1995 : pp. 699-702), por exemplo: (23) O lugar onde isto aconteceu... mas como “aconteceu” parece não convir muito nesses momentos, por mais apagados que sejam, por mais insignificantes, mais sem conseqüências [...] Renunciemos então a aconteceu... digamos “foi vivido”... embora esta expressão possa também parecer grandiloqüente, exagerada, tanto esses momentos parecem não merecer quase nada fazer parte daquilo que chamamos “nossa vida”. (N. Sarraute, *L'usage de la parole*)

<sup>35</sup> Em sentido diverso, evidentemente, daquele de O. Ducrot, visando os jogos do exposto, do pressuposto e do subentendido. Aqui, o não dizer que afeta o dizer é uma modalidade explícita deste.

<sup>36</sup> N. de T. *O homem dos ratos*.

<sup>37</sup> Em oposição às orações condicionais comuns, que provêm do mesmo plano semiótico-enunciativo que o resto do enunciado, cf.: (a)Ele pode cantar alguma coisa, se quiserem.vs (b)Ele é um pouco “imprevisível”, se me entendem.

<sup>38</sup> É preciso distinguir essas formas em que a interrogação permanece sem resposta das do tipo: (41) Foi preciso, diria eu a palavra, a /demissão das autoridades para que um movimento se desenhasse. [reunião de pais de alunos, março de 1981] onde *X* aparece como resposta com valor de um “sim, eu digo” à questão que precede, e que, por isso, não depende da modalidade irrealizante do dizer.

<sup>39</sup> E prestando-se a jogos sutis da norma e do desejo, em uma nomação instável, oscilando – dividida – entre duas palavras : um X *diz* mais desvalorizado por um Y mais desejável, mas *não-dito* (potencial (56), interrogado (57) ou já rasurado (54), (55). (cf. Authier-Revuz, 2000).

<sup>40</sup> Apenas alguns *por assim dizer*, independentemente das numerosas aspas abertas à interpretação, afastam-se dessa tonalidade homogênea.

<sup>41</sup> No plano, também, essencial, que eu não abordei aqui, do ritmo que a “insistência sobre algumas palavras” da modalidade autonímica imprime ao fluxo do dizer, cf. nota 3.

<sup>42</sup> Cf. Leclair, 1971: p. 100, citado por Authier-Revuz, 1995 : p. 535: Enfrentar a castração é, tendo reconhecido que para o impossível cada um se acha envolvido, saber que se engajar nos caminhos do possível consiste em andar, como de praxe, capengando.

TRADUÇÃO: Maria Cristina Batalha